ANO 7.º — Sexta-feira, 27 de Novembro de 1914 — NUMERO 346

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Portugal perante o conflito europeu

Uma sessão memoravel no Congresso

Como natural consequencia da sessão de 7 de agosto realisou-se a de segunda-feira ultima, que atingiu, como era de esperar, a imponencia e o fim a que se destinava, sem dar-se, como nós e muita gente previa, a mais insignificante nota discordante, alheiada do manifesto proposito a que tal sessão visava.

Assim, com a afluencia avultada de representantes da nação, a cidade de Lisboa, póde dizer-se, correu em massa não só a invadir todo o interior da câmara e do edificio do parlamento, como ainda as suas proximidades, onde uma multidão enorme esperou, anciosa, o decorrer da historica reunião para se manifestar em vibrações de aplauso e entusiasmo conhecidos que fossem os seus resultados.

O povo correspondeu, sem duvida, á aprimorada e patriotica linha de conducta seguida pelas câmaras que, mantendo-se dentro do mais rigoroso e estricto procedimento afastado de toda a ideia ou paixão politica, honrou o fim exclusivo que elas tinham em vista, evidenciando a consciencia absoluta das suas responsabilidades, mostrando a compreensão nitida dos seus deveres.

Foram afastadas, e muito bem, todas as razões que noutro momento justificariam em demasia o rompimento entre a câmara e o ministério e em exclusivo foi tratado o momentoso assunto sobre o qual o país inteiro punha a sua atenção.

Pela boca dos representantes da nação e por milhares das do povo, a obra do govêrno foi, nesse ponto, aprovada sem discrepancia e secundada nos vivas e aplausos que dentro e fóra do parlamento o ministério e as instituições receberam num delirio de entusiasmo que só os grandes e patrios acontecimentos castumam produzir.

Mais uma vez venceu o bom senso e se razões existem, como nos parece, que prontamente exigiriam a sua imediata liquidação, impoz-se aquele da maneira benefica e levantada que vimos e mais nada surgíu no Congresso do que o gràve motivo que provocára a sua extraordinária convocação.

Tornada agora a indeclinavel obrigação de marcharmos ao lado da Inglaterra, nossa aliada, compromisso que estava assente, em principio, desde 7 de agosto, salvo melhor raciocinio, tal obrigação deveria toda incidir sobre a defêsa das nossas possessões, ambicionada presa dos salteadores teutonicos e lá, no que é muito nosso, naqueles pedaços queridos do torrão patrio, ao lado dos soldados britanicos, bater e escorraçar os barbaros, vergonha eterna da civilisação atual.

Da mesma fórma estariamos ao lado da Inglaterra, quer na fronteira franceza, quer nas fronteiras africanas.

E cumpriamos um grande e indiclinavel dever.

O inicio da sessão

A's 14 horas e 40 minutos, o sr. *Vitor Hugo de Azevedo Coutinho*, que preside á câmara dos deputados, secretariado por os srs. Baltazar Teixeira e Alexandre de Barros, declara aberta a sessão, entrando, de tropel, nas galerias, a enorme massa de povo que aguardava o descerramento das portas.

Está presente todo o ministério. E é então, após a leitura e aprovação da acta da ultima sessão, que o sr. *Bernardino Machado*, no meio do maior silencio, lê a seguinte declaração e proposta de lei, pedindo, no final, que esta entre imediatamente em discussão:

Sr. Presidente:

Durante anos sucessivos, lidando com ardôr pela conquista das liberdades civicas, fizémos amoravelmente a campanha generosa da atração de todos os portuguêses em volta da bandeira sagrada do resurgimento nacional. Mas um momento chegou em que, até pelas proprias imposições da nossa solidariedade patriotica, fomos resolutamente para a revolução de 5 de Outubro. E é com orgalho que hoje apontamos ao mundo para a nossa Republica.

Egualmente, desde o advento do novo regimen, que nos restabeleceu, dentro e fóra do pais, a continuidade da vida historica, temos procurado sempre fazer uma politica externa de concordia e dignidade, e nenhum odio nos move para com qualquer outra nação. Nêste transe, porém, de angustiosa luta internacional, tão decisivo para a independencia e segurança dos povos, não ha ninguem, entre nós, conscio dos deveres imperativos do nosso destino, que não sinta que o nosso glorioso patrimonio, material e moral, corre os maiores perigos, se os não conjurarmos previdentemente, cimentando a todo o custo, ainda mesmo com sacrificio do sangue, a solidariedade secular entre Portugal e a Inglaterra, base imprescindivel da nossa progressiva valorisação mundial, com esse firme proposito, bem patente na espontanea declaração aqui expressa pelo govêrno, em 7 de agosto, com o assentimento soléne do Congresso e do povo, concertámos com o govêrno inglez prestar-lhe, além de todos os demais serviços ao nosso alcance, o concurso militar a que êle, significando-nos nobremente o alto apreço em que o tem, nos convida.

E, certos de que, seja qual fôr o campo onde a Requbliea Portuguêsa haja de zelar o prestigio da nação, éla não hesitará nunca, nem um só instante, em ocupar o lugar de honra, que, em defêsa dos nossos proprios direitos, ao lado da nossa eminente aliada, lhe pertença, vimos resolutamente tambem apresentar, obedecendo á Constituição, a seguinte

Proposta de lei

E' o poder executivo autorisado a intervir militarmente na atual luta armada internacional, quando e como julgue necessario aos nossos altos interesses e deveres de nação livre e aliada da Inglaterra, tomando para esse fim, as providencias extraordinarias que as circunstancias do momento reclamem.

Finda esta leitura, o sr. presidente do ministério anunciou:—Vou lêr agora a nota elucidativa do presente projéto, redigida de acordo entre os govêrnos português e britanico.

Logo ao principio da guerra, Portugal afirmou espontaneamente que estava pronto, como aliado da Gran-Bretanha, a dar-lhe todo o concurso. O govêrno inglês, apreciando altamente este claro testemunho de cordeal solidariedade, convidou, com entranhavel reconhecimento, o govêrno português a contribuir, de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar. E por este modo, os dois govêrnos assegurarão os fins da aliança ha seculos já subsistente entre as duas nações, cuja manutenção tanto é do interesse comum como de uma e de outra.

Aprovada a urgencia da discussão da proposta, com dispensa do regimento,

Usa da palavra o sr. Machado Santos

Quer o orador lembrar que na sessão de 7 de agosto, quando, por unanimidade, foi concedida ao govêrno larga autorisação parlamentar para proceder em face das circunstancias especiaes creadas pelo conflito europeu, foi a sua voz a unica que naquéla sala invocou os exemplos da França e da Belgica, que, invadidas pelas tropas do kaiser, tinham recomposto os seus govêrnos, dando-lhes a representação de todas as correntes de opinião dos seus respectivos países.

Foi então acusado de não ter sabido interpretar o sentimento publico, e, com o aplauso de uma esmagadora maioria, o govêrno saíu da câmara cheio de força e prestigio para arcar com todas as responsabilidades do presente e do futuro. Tres mezes decorridos sobre éssa sessão memoravel, o mesmo ministério volta ao seio da representação nacional a pedir-lhe que tome uma resolução concreta para o cumprimento de um dever de honra imposto por uma aliança secular. Por entender que no campo da politica internacional Portugal se mantém, como nunca, numa situação privilegiada, e tambem porque no campo da politica interna a linha de conduta seguida tem apenas visado a robustecer a unidade da nação, dá o seu voto á proposta de lei apresentada, quaesquer que sejam as divergencias que possam vir a dar-se entre o orador e o govêrno por questões minimas de detalhe, e diz-lhe, em nome dos seus eleitores, que conclua a sua obra. E. como português e patriota, oferece-lhe o seu esforço e a sua vida para tudo o que fôr necessario.

Fala o sr. dr. Afonso Costa

A proposta que acaba de ser lida na mesa representa o corolario logico da resolução parlamentar de 7 de agosto findo, e o que hoje se nos pede não são palavras, nem aquelas que possa ditar o sentimento mais puro e elevado, mas actos, o primeiro dos quaes, base constitucional dos outros, é s voto do Parlamento, voto que eu desejarei seja unanime, para se saber, não apenas dentro das fronteiras, mas no mundo inteiro, que Portugal cumpre sem hesitar, com serenidade e firmeza, sem excluir o proprio entusiasmo, os seus deveres de nação livre, mas ao mesmo tempo aliada da Inglaterra. *(Muitos apoiados).* Trago o meu voto á proposta do governo, porque a proposta sobre a base das negociações com a Inglaterra, que constam em resumo da nota que acompanha essa proposta, traduz, ao mesmo tempo, o profundo respeito das duas nações uma pela outra e o entranhado afecto que as une e que vae consolidar-se e fortificar-se na nossa perfeita e estreita solidariedade até no campo militar, com a nossa velha aliada. O meu voto, e voto do partido a que tenho a honra de pertencer, está assegurado á proposta, mas damos-lhe o significado não apenas de palavras ou de votos, mas de actos que precedem outros actos que nós sabemos terem uma imensa importancia e poderemos mesmo dizer uma alta gravidade na vida do país, os quaes fazem pronunciar que o Portugal novo que nós fundámos em 1910, com o estabelecimento da Republica, encontrou na hora, ao mesmo tempo tragica e convulsionada da atual guerra europeia, a base mais firme do seu desenvolvimento rapido e progressivo.

Vozes:—Muito bem.

O *orador*:—Não se é grande senão sofrendo e o que se nos pede e o que estamos dispostos a fazer deliberadamente é sofrer pelo direito, é sofrer pelo dever e é trabalhar, como geração sacrificada pela vitoria, pelo progresso, pela expansão, pela cultura e civilisação das gerações portuguêsas que nos sucederem. *(Prolongados aplausos).* Deste lugar, sr. presidente, e em nome do partido a que pertenço, deixe-me v. ex.ª saudar carinhosamente a nossa aliada, a Inglaterra, representada aqui pessoalmente pelo seu ilustre ministro em Portugal, que quiz vir, com a sua presença significar a estreita intimidade, não apenas de relações, mas de afectos, mas de compromissos, mas de obrigações altas e reciprocas que nos teem unido á Inglaterra, e que agora ficam solidificadas para sempre, com a amizade que une dois irmãos. Saúdo mais as outras nações que, ao lado da Inglaterra e sob a sua superior direcção, neste conflito entre o passado e o futuro, se estão batendo pelo Direito, pelo Progresso, pela Civilisação e que estão sofrendo infinitas dôres que só pódem ter como resgate o provir liberto e progressivo da raça progressiva, da raça latina e anglo-saxonia, que fundaram essa civilisação e com ela a felicidade dos povos, em bases indestrutiveis.

Vozes:—Muito bem.

O *orador*:—Sr. presidente: Portugal foi sempre forte nas suas aspirações do progresso e prestou ao mundo, pelo seu esforço, serviços que, posso di-ze-lo sem menoscabo de ninguem e de nenhum outro país, ainda nenhum povo igualou; agora é chamado a concorrer para o estabelecimento definitivo do Direito e da Paz e até—quero esperá-lo—do desarmamento universal. E' com entusiasmo que o povo democratico do extremo ocidente da Europa cumpre o seu dever, sabendo bem que o cumpre através de sacrificios infinitos de ordem moral e tambem de sacrificios de vidas que nos são caras, que farão o luto em muitas familias, mas que terão uma compensação que nenhuns outros pódem encontrar, nem igual, nem semelhante, em qualquer outro lance da vida de um povo, ou da vida dos individuos. *(Apoiados).* Eu saúdo Portugal que resurgiu em 1910 e que conquistará as suas esporas de ouro, agora que, em frente de uma grande dificuldade, ele a vai resolver. Quero exprimir o pensamento de que não vejo que Portugal sendo firme como ele o é e como quer ser se não tomando parte nos combates que se travam na Europa, para onde todo o mundo olha e onde o esforço de um representa o esforço de cem ou de mil realizado em qualquer outra parte. Não que nós descuremos ou esqueçâmos os nossos primeiros, essenciaes deveres de defender o nosso territorio continental ou colonial, onde quer que seja ameaçado ou invadido, mas independentemente desse nosso dever imediato, directo e instante nós temos de realizar um outro, e esse nos campos de batalha da Europa, onde se afirmará quem existe ou não existe. *(Apoiados).* Eu desejo que Portugal cumpra tambem esse dever, porque quero que a Republica Portuguêsa exista na consideração do mundo inteiro, de todos os povos, de todas as civilisações e de todos os tempos, pelo procedimento que adoptarmos.

O que diz o sr. Antonio José de Almeida

Se houvésse de resumir numa só palavra a atitude do Partido Evolucionista perante a proposta do govêrno, essa palavra sería esta:—voto. Se noutra palavra quizésse sintetizar o parecer do Partido Evolucionista em face das considerações com que o sr. presidente do ministério acompanha essa proposta, essa palavra sería esta:—confirmo.

Não ha que discutir o que as circunstancias impõe. A Inglaterra carece do nosso auxilio e reclama-o. Só ha para nós uma solução: dar-lho. E a atitude do Partido Evolucionista emitida na sessão de 7 de agosto tem sido adoptada com tamanha coerencia e éla é tão harmonica com a sequencia fatal dos acontecimentos, que nós, evolucionistas, orgulhosos da nossa conduta só temos uma coisa a fazer: confirmá-la. Aqui o disse, falando; numa intensa campanha jornalistica o disse escrevendo: o que nos convinha, a nós, portuguêses, aquilo que mais deviamos desejar, era a abstenção da guerra, a situação tranquila de quem não entrasse na sinistra fornalha que a ambição dos homens acendeu. Entendemos sempre que, caso a Inglaterra não carecesse do nosso auxilio, nos deviamos dispensar de colaborar com éla nos feitos da guerra. Mas entendemos tambem, e desde a primeira hora, que, caso a Inglaterra precisasse de nós, expeditamente, sem relutancia e sem desgosto, deviamos ir ocupar a seu lado o lugar de combatentes efectivos. Lancei até na imprensa uma fórmula que parece não ter sido infeliz, visto que éla fez o circuito de uma grande parte da imprensa provinciana. Essa fórmula traduzia-se néstas palavras: *Vamos até onde fôr preciso, mas sendo preciso!* Chegámos agora ao desfecho lógico dos acontecimentos e *vamos para a guerra, visto que é preciso ir para éla.*

Sem dúvida que noutras circunstancias eu não sería tão avaro do sacrificio dos nossos compatriotas.

Se não fôssemos um país desmantelado, com as arcas do tesouro vazias, e, o que é peor, cobertos de dividas, com a nossa industria atrofiada e a nossa agricultura numa situação dificil; se não fôssemos um país com exército diminuto e apenas sofrivelmente armado e equipado; se, numa palavra, não fôssemos uma pátria cheia de condições de vida que começa agora a ensaiar a sua regeneração económica, mas depauperada e exausta por uns poucos de anos de deboche constitucional; e se, antes pelo contrário fôssemos um país florescente e próspero como a República é capaz de o fazer nalguns anos, eu teria sido pelo alvitre de logo mandarmos, mesmo sem êle ser pedido, um contingente do nosso exército, para, ao lado do estandarte de Inglaterra, levantar a bandeira portuguêsa.

Razões de sentimento politico me determinariam a seguir êsse caminho.

Esta guerra é a contenda sangrenta e *à outrance* do despotismo e do direito, da barbarie e da Justiça. Desencadeada por um criminoso vulgar a quem o destino pôz na cabeça uma corôa de imperador, éla tem sido conjuntamente uma guerra de traição, de espionagem, de cobardia e de crueldade. Atraiçoaram-se os tratados, que a chancela alemã rubricava, galgando por cima da pacifica Bélgica; espionou-se dolorosamente em todos os recantos do mundo a bôa fé dos povos livres para os assaltar no momento em que êles estavam dormindo, convencidos da lealdade alheia; cobardemente se agrediram povos fadados para os mais amplos destinos, praticando nas suas gentes atentados sangrentos que repugnam á consciencia dos homens; cruelmente se maltratam criaturas indefesas protegidas pelos mais altos principios da civilisação do nosso tempo e de maneira tão bárbara e selvagem que os próprios sábios militarisados da Alemanha não tivéram pejo em sancionar implicitamente essas infamias cobardes, dizendo-se possuidores, contra cértos povos, de um *ódio elementar*.

Isto me bastaria para aconselhar

Films . . .

Tenha paciencia

O *Progresso*, ainda a proposito do regedor da Oliveirinha, que o sr. Augusto Gil se propunha substituir por um reaccionário da feição dos evolucionistas, tem, ao que parece, cérto empenho de saber quaes sejam os serviços justamente apreciados dessa autoridade e daí o chamar nos a terreiro para que lhos digâmos.

Hade o *Progresso* desculpar-nos, mas nésta ocasião é impossivel. O sr. Augusto Gil foi-se embora e por isso já não ha mais... pão cosido...

Impostos

Dão alguns jornaes a noticia de que o govêrno, para fazer face ás despêsas extraordinarias que a atual situação acarreta, se verá obrigado a aumentar dentro em bréve as contribuições suntuaria, predial e industrial o que, a dar-se, muito concorrerá para aumentar tambem a miseria no país iniciada com a subida dos generos de primeira necessidade.

Mas então onde está esse tal Deus de misericordia, esse Deus todo poderoso que não põe côbro a um conflito como é esse em que anda envolvida quasi toda a Europa e que tantos males acarreta?

Tolerados

Foram postos já em liberdade alguns conspiradores com responsabilidades minimas nos ultimos acontecimentos, dizendo a noticia, que transita pelos jornaes, que alguns deles ficarão durante um determinado tempo sob a vigilancia da policia.

Tal qual as mulheres de má nota. O peor é se estas reclamam...

Um pasquim

Mão amiga envia-nos de Macieira de Cambra uma especie de periodico que lá ha com pretenções a realista e no qual se pretende fazer acreditar que o movimento que se deu no dia 20 do mez passado não foi provocado pelos partidarios do *Senhor D. Manuel de Bragança*, mas sim por influencia do miguelismo e alguns oficiaes do exercito.

Deve ser isso. Apenas com esta diferença: tão parvo é quem o diz ou tão ignorante como quem, pelo menos, finge dar credito ás espertêsas dos pasquineiros.

"Au revoir,,

Os srs. Moreira de Almeida, pae e filho, o farmaceutico Mota Capitão e o ex-ministro da monarquia, José de Azevedo partiram para o estrangeiro, desterrados.

E' caso para lhes darmos parabens. Porque os estamos mesmo a ouvir intimamente dizer que a Republica não é tão má como a pintam...

O NOVO CHEFE DO DISTRITO

—(*)—

Não só nós como todos quantos assistiram á posse do sr. dr. João Salêma repararam na apresentação de sua ex.ª que, dizendo-se antigo republicano, este distrito havia escolhido, de preferencia a qualquer outro, com o intuito de lhe ser prestavel, por a ele pertencer, assim como ouviram egualmente a declaração de que não faría politica partidária por não estar filiado em nenhum dos partidos constituidos, mas simplesmente politica de defêsa e consolidação das instituições, politica administrativa, politica patriotica.

Concordâmos plenamente com o programa do novo chefe do distrito. Politica patriotica! E' essa a unica que nos agrada. A unica compativel com o nosso temperamento. A unica capaz de acordar energias adormecidas e de trazer novamente á vida muitos retraídos que andam dispersos, cheios de aborrecimento, enojados com o degradante espectaculo que nos ultimos tempos fez as delicias dos monarquistas, incluindo os rotulados de democraticos, unionistas e evolucionistas só para melhor ferirem a Republica ao abrigo de qualquer eventualidade que os pudésse prejudicar.

Bem faz o sr. dr. João Salêma se, fiel ao seu programa, dele se não arredar. A Republica precisa do esforço de todos e mórmente daqueles que mais contribuiram para a sua implantação. Neste momento, assaz gráve, que a Patria atravéssa, isso se impõe. E não serão, decérto, os republicanos sincéros, os republicanos *de verdad*, os republicanos que acima de tudo colocam o seu entranhado amor ao regimen que o hão-de comprometer embrenhando-se na politiquice, tanto do agrado dos *adesivos* para satisfação dos seus interesses.

Sr. dr. João Salêma: conte comnosco, com o nosso apoio á politica patriotica que anunciou ao tomar conta da chefia deste distrito. As suas palavras calaram fundo no nosso coração. Satisfizéram plenamente a nossa curiosidade. Politica republicana, politica patriotica! Essa, só essa hoje em dia se admite porque nela está englobado o progresso e a riquêsa da nação.

Nem outra coisa é de esperar de quem, como V. Ex.ª, reconhece a gravidade da situação e pesa o quanto de prejudicial sería para nós trilhar outro caminho que não fosse precisamente aquele que a todo o bom português está indicado e o demoveu a vir chefiar o distrito de Aveiro—o caminho da Virtude iluminado pela luz resplandecente da Verdade.

Compreende o sr. governador cil e compreendem, de resto, todos os verdadeiros democratas que só assim a Republica se dignificará.

desde logo a nossa intervenção expontanea na guerra. Não sería preciso que o alemão fôsse á ultima hora buscar o turco germanisado, vendo-se assim de braço dado, como ainda ha dias disse Lloyd George, o devastador da Bélgica e o massacrador da Arménia.

Mas as coisas são o que são. E não era a um país empobrecido que se havia de ir irreflectidamente pedir um concurso, que pelo facto de ser em prol do direito e da justiça, nem por isso deixava de ser doloroso e cruel.

Mas uma vez que a Inglaterra pede o nosso auxilio, só nos cumpre correr a dar-lho, expontaneamente e de bôa vontade, porque a lealdade para com éssa grande aliada, além de ser timbre do nosso animo, é segurança dos nossos interesses.

Conheço um grande numero de notas diplomáticas trocadas entre os gabinetes de Lisboa e de Londres. E as que porventura não conheça não são suficientes, segundo creio, para invalidarem o significado daquélas. Pois, á face de minha consciencia de cidadão e republicano, devo dizer que o govêrno tem procedido bem. Li com atenção esses documentos. Li-os cuidadosamente, prescrutando-lhe as determinantes e procurando adivinhar nas proprias entrelinhas o sentimento que as ditara. Pois á face délas sou levado a concluir que o govêrno andou como devia, e selou, nêste transe dificil, o brio do país, salvaguardando, igualmente, nas medidas do possivel, os interesses nacionaes. Sou insuspeito, dizendo estas palavras. Nas relações exteriores, o govêrno conduziu-se com acerto. Sirva-lhe isso de atenuante aos funestos êrros da sua administração interna, aos pesados delitos da sua politica de facção. Se algum dia, a publicação na integra de todos os documentos me determinar convicção contraria, não tenho duvida em o reconhecer, mas não o suponho provavel.

Situação semelhante a esta conheço outra na historia de Portugal. E' aquéla que se produziu por ocasião da guerra dos 7 anos. Aí valeu-nos o génio de Pombal, que, para manter uma neutralidade que êle julgou imprescindivel, têve de se lançar numa guerra, em que a Inglaterra nos acompanhou como aliada. Esse facto da nossa vida nacional não deixou de influenciar profundamente a marcha dos acontecimentos, que, depois das campanhas peninsulares, desfecharam no congresso de Viena, onde não fomos de todo infelizes, embora não auferissemos todas as indemnisações que legitimamente nos deviam caber. Essa felicidade devemo-la á lealdade do nosso porte, ao sacrificio do nosso sangue e á cooperação que démos á Inglaterra no empreendimento gigantesco de abater a supremacia napoleonica.

Vamos para a guerra? Sim, porque a Inglaterra o deseja, e se o deseja é porque disso carece. Vamos para éla de coração alvoroçado, mas intrépido, de animo entusiástico e cheio de confiança. Vamos e ninguem tenha duvidas sobre a valentia e o brio dos nossos soldados, que, portadores da gloria ancestral da sua pátria, saberão ser filhos désta e herdeiros daquéla.

O imperador da Alemanha, ha anos, quando ainda não se tinha manifestado o malfeitor repugnante de agora, disse que admirava o nosso exército, e, em prova disso, colocou no peito de um grande soldado português, as insignias de uma condecoração guerreira. Então admirava-o. Não tardará muito que o tema tambem. Quanto á Inglaterra, essa conhece-o muito bem de uns poucos de seculos de camaradagem guerreira e sobretudo déssa intensa serie de campanhas que têve a sua expressão culminante na batalha do Bussaco, e a Inglaterra, que o conhece, vai certificar-se agora de que êle é digno, a todos os titulos, de desdobrar a sua bandeira de guerra, ao lado do soberbo estandarte inglês. E então poderá reconhecer essa grande e formidavel Inglaterra, país progressivo e fecundo, que está encontrando a sua definitiva fórmula politica, passando do campo das realisações para o estado perfeito da consciencia colectiva, que se nós portuguêses, lhe temos merecido estima e consideração, para o futuro éla nos deve consagrar amor e respeito.

Declaração da "União Republicana,,

Pela boca do sr. *Brito Camacho* é lida a seguinte declaração do partido de que é chefe:

Os deputados da União Republicana votam a proposta que em nome do govêrno foi apresentada pelo sr. presidente do ministério.

Haverá que praticar actos preparatorios de uma possivel intervenção militar e nós desejamos que se pratiquem todos que forem necessarios; mas se a honra da nação e a defêsa dos seus interesses fosse ainda compativel com o statu quo, nós desejariamos que êle se mantivesse, porquanto a situação creada em 7 de agosto reputamol-a perfeitamente digna e de todo o ponto conveniente. Que acima de tudo coloquemos a honra da nação e por éla façâmos todos os sacrificios na convicção de que a honra de um povo é compativel com os seus legitimos interesses.

Saudando o exercito de terra e mar

O sr. *Alexandre Braga* aplaude tambem a proposta governamental. E' ás mãos do nosso exercito que vamos confiar a nossa honra, a gloriosa tradição do nosso passado, a garantia da nossa vida e do nosso futuro. Uma situação extraordinaria vae ele encontrar no campo de batalha, onde á custa de tanta lagrima e de tanto sangue se luta pela conquista do futuro. Por isso, em nome do seu partido, manda para a meza a seguinte moção, cuja leitura é sublinhada com geraes apoiados, a que o sr. *presidente do ministério* declara associar-se em nome do govêrno:

A câmara dos deputados saúda, nésta hora soléne para a Patria, o exercito de terra e mar e ao seu nunca desmentido heroismo e alto sentimento patriotico confia a integridade, a honra e o futuro da Republica Portuguêsa.

A esta moção associaram-se tambem os srs. *Mesquita de Carvalho* e *Machado Santos*, apresentando o sr. *Manuel José da Silva* a seguinte declaração de voto:

Declaro aprovar a autorisação pedida pelo govêrno para prestar o concurso militar de Portugal á Inglaterra, mas na hipotese de que esse concurso tenha sido solicitado, e salientando que esse concurso deve ser harmonico com o espirito da aliança. Noutras condições reprovaria a proposta do govêrno.

Depois das 17 horas é encerrada a sessão, tendo o sr. presidente do ministério, após bréves considerações sobre a unanime aprovação da proposta de lei apresentada ás câmaras, erguido um viva á Republica, que é geralmente correspondido por todos os representantes da nação e galerias em freneticas aclamações que envolvem a Inglaterra, França e Belgica na pessoa dos respectivos ministros presentes.

Cá fóra, no largo das Côrtes, ha tambem manifestações delirantes á saida do govêrno e outros vultos de preponderancia politica, sendo de notar a ordem como tudo decorreu sem que se produzisse o mais pequeno desaguisado.

Sessões como esta honram o país, honram a Republica.

Viva a Republica!

Instituto Branco Rodrigues

Trabalhos dos professores e alunas cégas para a "Cruz Vermelha,,—Um passa-montanha muito prático

Este estabelecimento de ensino especial desejando contribuir com o trabalho das professoras cégas e suas alunas, para o conforto dos que estão lutando nos campos de batalha, solicitou de algumas fabricas e estabelecimentos lã em fio para com ela serem manufacturados artefatos de malha que serão entregues á sociedade da *Cruz Vermelha*.

Entre estes artefatos destaca-se um muito interessante: é um passa-montanha extremamente simples e de um emprego essencialmente prático.

Este passa-montanha tem a fórma de um cilindro perfeito. Póde servir, por isso, de regalo, muito util ao combatente, que numa trincheira fôr atacado pelo entorpecimento doloroso das estremidades dos dedos, que muitas vezes paralizam o atirador e o impede de disparar a arma.

Enterrado na cabeça até á ultura dos olhos, ficando a parte superior solta, em fórma de barrete, ou dobrada, presa na dobra posterior, o passa-montanha constitue um boné de viagem, que resguardará por complèto as orelhas e a núca.

Se se acabar de enterrar o passa-montanha até que o segundo orificio do cilindro fique ao nivel da tésta, basta puxa-lo até ao queixo para que toda a cabeça e pescoço fiquem resguardados e só o rosto a descoberto.

Deste modo o pescoço fica complétamente abrigado. A néve ou a chuva, deslizando sobre a lã, não póde penetrar pela góla da farda. Puxando a parte inferior para cima até á cana do nariz e a superior até á altura das sobrancelhas, obtem-se um verdadeiro passa-montanha, porque só os olhos ficam a descoberto.

A sentinéla que tem necessidade de estar álérta e, principalmente de noite, precisa de ouvir bem, deixará a descoberto alternativamente o ouvido direito e o esquerdo.

Sabe-se que durante as baixas temperaturas são o nariz e as orelhas as partes que mais se ressentem do frio. O soldado munido do passa-montanha evita facilmente este gràve perigo.

Finalmente: em tempo ordinario, mas frio, basta abaixar completamente o cilindro em tôrno do pescoço, para se obter uma especie de *cache-nez*, impossivel de perder, visto ser um circulo perfeito que só com esforço se póde tirar por cima da cabeça.

Junta Geral do Distrito

Na reunião ordinaria que esta corporação administrativa efectuou no ultimo sábado, deliberou sobre vários assuntos que lhe foram submetidos, entre os quaes de prover no logar de 2.º perfeito do Asilo-Escola, secção masculina, um antigo internado daquéla casa de beneficencia, conforme o interesse dos directores da mesma. Lançou um voto de sentimento pela morte do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que fôra presidente da câmara, outro pelo falecimento da esposa do procurador, sr. dr. Sá Couto e por fim foi cumprimentar o novo governador civil ao seu gabinete, o que este agradeceu prometendo interessar-se pelo engrandecimento do distrito.

UMA COMUNICAÇÃO

—=(*)=—

O director deste jornal, eleito, por Aveiro, vogal da Junta Geral do distrito e depois escolhido para fazer parte da Comissão Executiva, como secretario, enviou na segunda-feira ao presidente desta o oficio que passamos a transcrever:

Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral:

Não querendo de modo algum estorvar a Comissão Executiva da Junta Geral, de que V. Ex.a é presidente, na sua acção administrativa, com a qual não concordo, pelo menos em alguns pontos e ainda pelos meus afazeres me não permitirem uma assiduidade ás sessões compativel com os trabalhos da mesma Comissão, venho rogar a V. Ex.a se digne substituir-me desde já no cargo que até hoje tenho ocupado, relevando-me ao mesmo tempo quaesquer impertinencias que o meu muito amor á Republica e respeito pelos principios que de longa data publicamente venho defendendo, porventura hajam ido de encontro á opinião de todos os meus colégas.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 23 de novembro de 1913.

(a) **Arnaldo Ribeiro**

Como esclarecimento e enquanto não estivérmos convenientemente habilitados a trazer a publico notas que o elucidem sobre a administração das duas secções do Asilo-Escola aonde, na masculina, se introduziu agora mais um empregado precisamente no momento em que a redução de despêsas se impõe, por ninguem saber até onde irá a crise que começamos a atravessar, é bem que registado fique a nossa atitude, que não é uma fuga ao trabalho, mas tão sómente o afastamento duma corporação com atribuições bem mais diversas do que distribuir grossas fatias sem olhar aos meios.

Não. Quando aceitámos o logar na comissão executiva da Junta Geral não foi para esbanjar o dinheiro do povo, para sacrificar o contribuinte, sobrecarregado já até mais não, em beneficio de apaniguados ou amigos, mas sim com intuito de prestigiar a Republica com uma administração honesta e tão diferente quanto possivel das que os monarquicos usavam fazer. Claro que, sendo assim, impossivel se torna cooperar com quem não pensa da mesma fórma e julga que, por haver dinheiro, ele se deve espalhar ás mãos cheias, como se esse dinheiro não fosse sagrado por vir exatamente daqueles que nós, republicanos, noutros tempos diziamos que não podiam nem deviam pagar mais. Mas não se olha a nada disto. Dá o govêrno um subsidio de 10.270$87 anuaes para o Asilo e gastam-se para cima de 12. No entretanto novos logares são providos. Pagos por quem? Com que dinheiro? E' facil: com o dinheiro de percentagens lançadas sobre as contribuições directas e geraes do Estado, dinheiro que devia ter outra aplicação, dinheiro que devia ser poupado porque vem do povo e *o povo não póde nem deve pagar mais!*

Reprimir abusos? Quem fala nisso? Quem fala, por exemplo, em regular a situação dos empregados do asilo que teem familia e que, a nosso vêr, não deve viver no mesmo edificio asilar? Quem fala nos gastos extraordinarios que se fazem sem haver as mais das vezes necessidade imperiosa que os determine? Ninguem. Pois nesse caso e não querendo ligar o nosso nome á aplicação que está sendo dada ao dinheiro do povo, retiramos para nos não encomodar os restantes membros da Junta.

Eis a razão primordial do nosso afastamento. O resto virá depois para elucidação completa de quantos nos honraram com o seu voto elegendo-nos procurador á Junta Geral do Distrito de Aveiro.

PELA IMPRENSA

"O Povo de Basto,,

Conta mais um ano este distinto confrade de Celorico de Basto, orgão do Partido Republicano Português no concelho e de que é redactor principal o nosso presado amigo, sr. dr. Antonio Rodrigues Salgado.

Folha inteligentemente colaborada, tendo a nortea-la uma viva e inquebrantavel fé republicana, o *Povo de Basto* honra sobremaneira a imprensa da provincia onde tem um papel de destaque a desempenhar como um dos melhores baluartes da democracia em terras do norte. Por isso o felicitâmos. E com tanta ou mais veemencia quanto é cérto termos pela pessoa do dr. Antonio Rodrigues Salgado aquéla simpatia que nos merecem todos os que se sacrificam pelo regimen e desinteressadamente lhe dão o melhor do seu esfôrço sem outra recompensa mais do que a satisfação do dever cumprido.

Receba, pois, o *Povo de Basto* afectuosos cumprimentos além dos firmes protestos da nossa leal camaradagem.

"O Radical,,

Tambem o orgão evolucionista leiriense entrou ha dias no 5.º ano de existencia. Dirigido pelo sr. Ribeiro de Carvalho, jornalista e poeta de merecimento, aqui lhe expressâmos os nossos parabens não obstante o desacordo das nossas opiniões.

Ao sr. Ministro da marinha

—=(*)=—

Ampliando as justissimas considerações que no nosso ultimo numero fizémos ácêrca da crise angustiosa que principia a invadir, não só a classe pescatoria como ainda as companhas proprietarias das rêdes de arrasto, empregadas na pesca no nosso litoral, acabam de nos informar que, além da fuga da sardinha da costa ocasionada pela quasi permanente estada de numerosos vapores áquem do limite que lhe estipula a lei, de bordo desses barcos empregam para a pesca da sardinha um engôdo composto de ovas de bacalhau e farinha de rolão, misturadas, que, produzindo resultados sobremaneira destruidores na sardinha, exige, sem demora, que sejam tomadas as devidas e imediatas providencias, tendentes a evitar o exterminio complêto do peixe e as gravissimas consequencias naturalmente resultantes de tal cometimento.

O engôdo a que aludimos, depois de engulido pela sardinha que dele come em grande quantidade, não só porque em enorme abundancia é deitado ao mar mas ainda pela voracidade do peixe que na referida isca se manifesta em demasia, pelo bem que lhe sabe, resulta ficar argamassado de tal maneira no seu intestino, que á primeira vista parecem ovas no seu maior desenvolvimento.

Ora a sardinha que antes de sentir os efeitos do engôdo entra nos cêrcos e é apanhada, ainda se aproveita; mas a que não é colhida, morre e morre aos milhares, acrescendo a circunstancia que a aproveitada, apesar de perder o seu carateristico paladar, não póde ser salgada por isso que o conteúdo interno do engôdo, fazendo-lhe amarelar exteriormente a barriga, decompõe-na facilmente, corrompendo o peixe e impossibilitando por absoluto a sua salga.

No norte da Espanha o emprego persistente da isca a que aludimos resultou uma escassez tão manifesta de sardinha que os vapores por completo o abandonaram, vindo costa abaixo na devastação duma das nossas maiores riquezas, efectuando as suas pescas numa persistencia verdadeiramente aterradora em frente das nossas praias.

Como se vê o mal duplica-se e a situação apresenta-se profundamente séria, agravada com a irritante estabilidade e demora dos vapores que ainda hão-de dar causa a um gravissimo conflito ocasionado pelo assalto violento das centenas de homens que em terra se empregam na tarêfa da pesca e que, além de imobilisados, anteveem a dura prespectiva da mais profunda miseria se providencias urgentes não forem tomadas.

Como se vê e sumariamente expômos é de todo o ponto justo e inadiavel que se adoptem as indispensaveis medidas que o perigo da situação exige e que só quem póde, com verdade, esconder.

Bem melhor sería estudar este melindroso assunto empregando-se todos os meios a evitar a gravidade duma das mais dolorosas e assustadoras crises, que se aproxima num crescendo esmagador, evidenciando-se nas provas as mais claras e insofismaveis.

A sua ex.a e sr. Ministro da Marinha instantemente suplicâmos, em nome de tantos interesses grave e duramente lesados, e da indispensavel alimentação que vae já faltando em muitos lares, se digne prestar a devida consideração ao que fica exposto no que praticará até uma obra meritoria.

O decreto de mobilisação

—=—

A folha oficial publicou na quarta-feira, a hora bastante adiantada, o esperado decreto sobre a mobilisação do nosso exercito que dentro em bréve irá combater ao lado dos aliados contra a invasão das hostes teutonicas, e que é do teor seguinte:

«Considerando que, pelo artigo 1.º da lei n.º 275, de 8 de agosto do corrente ano e publicada no *Diario do Governo* da mesma data, ao Poder Executivo fôram conferidas as faculdades necessárias, não só para garantir a ordem em todo o país, como principalmente para salvaguardar os interesses nacionaes na atual conjuntura;

Considerando que ao Governo da Republica Portuguêsa compète lançar mão de todos os meios que julgar convenientes para bem cumprir a delicada e honrosa missão de que foi investido pelo Congresso da Republica;

Considerando que, pela lei n.º 283 de 24 de novembro do corrente ano, publicada no *Diario do Governo* da mesma data, foi o Poder Executivo autorisado a tomar, para cumprimento da mesma lei, as providencias necessárias aos altos interesses do Estado, reclamadas pelas circunstancias do momento atual;

Considerando, ainda, que se torna necessária a mobilisação parcial do exercito para constituição duma divisão devidamente organisada;

Hei por bem, sob proposta do ministro da Guerra, e nos termos das leis n.º 275, de 8 de agosto e n.º 283, de 24 de novembro do corrente ano; e usando da faculdade que me conferem os n.os 3.º e 9.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguêsa, decretar o seguinte:

Artigo 1.º—Será mobilizada uma divisão constituida com os elementos da 1.a e 7.a divisão do exercito.

Artigo 2.º—Serão mobilisados todos os elementos das outras divisões do exercito que se julgarem necessários para complemento da divisão mobilisada.»

Assinam o sr. Presidente da Republica e todos os ministros.

Ao mesmo tempo foram nomeados o general Jaime de Castro como comandante da divisão mobilisada e major Roberto Batista, chefe do estado maior da mesma,

A ordem de mobilisação e proclamação ao país parece que só serão afixadas depois da partida da proxima expedição para Angola afim de evitar quanto possivel a acumulação de soldados nos quarteis.

LIVROS

Devido á amavel gentilêsa do seu autor, sr. Agostinho de Souza, professor do liceu desta cidade, recebemos, em volume, o excerto da sua conferencia pedagogica realisada em 8 de dezembro de 1913 a que deu o titulo de *A Educação Infantil*.

Trabalho eminentemente patriotico, visando á educação da mocidade pelos bons exemplos e conhecimentos scientificos que a ponham em contacto com a vida, ensinando-lhe o verdadeiro caminho, a obra do sr. Agostinho de Souza é digna dos nossos louvores e por isso lhe agradecemos o exemplar enviado á redacção, que saberemos guardar como honroso documento da sua passagem pelas cadeiras do liceu de Aveiro.

= Pousa tambem sobre a nossa mêsa de trabalho o 4.º tomo da **Historia da Guerra Europeia**, que a *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, está editando pelo diminuto preço de 5 centavos cada 32 paginas, publicação não só digna de ser recomendada pelo relativo luxo que a circunda, mas ainda pelo interesse que estão despertando os acontecimentos e portanto pela sua flagrante atualidade.

Muito agradecidos.

NOVA EXPEDIÇÃO

Activam-se os preparativos para a partida de uma nova expedição militar a Angola, composta de 3.000 homens, e que ali deve chegar por todo o mez de dezembro.

Com ela vão tambem alguns oficiaes nossos conhecidos, briosos soldados que nunca trepidaram deante do dever e que decérto honrarão, como sempre, o nome da Patria nas longiquas plagas africanas.

Sejam felizes. Que a Patria e a Republica reconhecerá os seus sacrificios não esquecendo que é no valor militar do soldado que se acham o prestigio e a honra da nação.

Notas mundanas

Tendo passado alguns dias em Esqueira, volta ámanhã de novo para Lisboa o sr. José dos Reis.

= Com destino a S. Paulo, E. U. do Brazil, embarcou no principio désta semana, o nosso amigo e conterraneo sr. Bento Augusto de Carvalho a quem estimâmos que faça bôa viagem.

= Acha-se atualmente residindo em Loanda por ter terminado a missão de estudo e combate das epizootias no interior, o alferes-veterinario Antonio Lebre.

Está de perfeita saude, o que registâmos com intima satisfação.

= Tambem fixou residencia em Inhanguvo, Buzi, o sr. Manuel Clemente de Miranda, delegado da Repartição do Trabalho Indigena.

= Poucas molhoras teem obtido os srs. Manuel Augusto da Silva e Manuel Maria Moreira.

= Acamou com um pertinaz ataque de grippe *a sr.a D. Rosalina Alves Fontes, professora da Escola Normal.*

= Foi a Lisboa, onde pouco se deve demorar, o sr. dr. João Salêma, ilustre governador civil do distrito.

= Estivéram em Aveiro os srs. João Maria da Silva Henriques, de Veiros; dr. Eduardo Moura, medico em Eixo; Manuel Silvestre e Francisco Valerio Mostardinha, de Nariz; Manuel Simões da Rosa e Domingos de Carvalho, de Mamodeiro; Joaquim Simões dos Reis, de Eirol; Manuel dos Santos Costa e Albino Paralta Estrela, da Costa do Valado; Manuel Dias dos Santos, de Valença e Manuel dos Santos Ferreira, de Oliveira do Bairro.

Uma tragedia

Deu-nos ha dias a imprensa da capital as minucias duma tragedia da qual as personagens mais importantes são todas nossas conhecidas, por residirem a dois passos desta cidade, Alquerubim, concelho de Albergaria-a-Velha.

Escusado será dizer quanto nos magoou o conhecimento de tamanha quanto inesperada fatalidade que levou o luto e as lagrimas a duas familias, sem haver a mais leve razão justificativa de tão profunda desgraça, a não ser o desequilibrio mental do seu desgraçado protagonista—Daniel de Melo.

De regresso do Rio de Janeiro, aonde fôra fazer propaganda a favor duma revista, *A Nova Patria*, Daniel de Melo apareceu, ha dias, em Lisboa, completamente obsecado por uma ideia sinistra que a sua doentia imaginação creára e fixára numa persistencia aterradora: a desonra de uma irmã, preparada por duas senhoras em casa das quaes aquela residia ha cêrca de dois anos afim de conseguir obter o completo conhecimento de trabalhos em *atelier* de modista.

Não só pelas declarações do infeliz Daniel como pelas referencias que sobre o caso nos fez, em carta, seu pae, Francisco Corrêa Sá e Melo, a falsa convicção em que estava o espirito do Daniel foi avolumada por um tal João Batista, revisor da Companhia Carris de Ferro, que parece te-lo acabado de convencer da verdade das suas suspeitas, como desforço miseravelmente tomado em resultado duma questão havida entre aquela familia e o referido Batista. A justiça averiguará do caso e liquidará, sem duvida, responsabilidades pois não ha sombra de mancha para a referida irmã do alucinado, D. Zulmira, que, como diz toda a imprensa: *sempre se tem conduzido com a maior honestidade, guiada criteriosamente na vida pela vitima da tragedia, D. Laura Rodrigues*, que o Daniel matou num momento de alucinação.

E de facto assim é. Digna como toda a sua familia, D. Zulmira tem sabido manter por indole e por educação a alevantada e correcta conduta da sua vida, impecavel até hoje, que apesar de tudo, porém, a doentia imaginação do seu desditoso irmão, nela assentou a injustificada causa para o desenrolar do triste e lamentavel acontecimento.

Ao consternado pae e a sua esposa—afectuosa e dedicada mãe do pobre Daniel—que a fatalidade durissima do destino atira, em plena juventude, para a horrorosa convivencia dum manicomio e aos irmãos do infeliz, que o estremecem, para todos vão a expressão mais intima do nosso pesar por tamanho infortunio que tão desapiedada e ferozmente os acaba de ferir em pleno coração.

E o que não diriamos a ele, ao Daniel, esse rapaz simpatico e afavel que antes de partir aqui esteve a despedir-se de nós, se a cruenta sorte que tão fundo fére a sua existencia lhe recuperasse as faculdades para nos ouvir e compreender!...

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, nêssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

Pinho & Meimarakis

Notificado pelos interessados, acabamos de receber participação da abertura duma nova casa comercial estabelecida na Beira, Africa Oriental, e que se propôe, como principal ramo de negocio, tratar do despacho de mercadorias e expedições terrestres ou maritimas e fluviaes.

Aos societarios, srs. George N. Meimarakis e Joaquim Guedes de Pinho, apetecemos as maiores felicidades.

COMUNICADOS

Meu caro José Marques Nogueira

Escrevi uma carta para ti á qual te não dignaste responder. Agora vai esta por intermedio do *Democrata* a perguntar-te pela saude.

Como já deves saber estou em Coimbra e lamento bastante que amigos, como eramos, o teu procedimento não corresponda a essa amizade. Não te lembras já dos bailes da minha terra? Dos tempos da nossa mocidade? Escrevi-te um postal com a vista désta linda terra do Mondego e tu calado. Pois meu caro amigo Nogueira: desejava imenso saber novas da nossa encantadora Albergaria, de ti e de tua familia.

Estimo que tenhas gosado bôa saude e aceita um saudoso abraço do teu velho amigo

Baltazar Henriques de Figueiredo

Catalogo

Da acreditada *Livraria Avelar Machado*, da rua do Poço dos Negros, 19 e 21—Lisboa, recebemos um elegante catalogo, contendo muitas e interessantes obras, preços reduzidos, o qual está agora em distribuição, e é enviado gratuitamente a quem o requisitar.

CINÊMA

Continuam a ter larga concorrencia, principalmente aos sábados e domingos, as sessões cinematograficas do Teatro Aveirense, tendo-se ultimamente exibido fitas de grande sensação, como a *Filha do Faroleiro*, a *Tormenta* e outras.

Para o dia 5 anuncia-se o *film* de arte *Cleopatra*.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 17

(Retardada)

Pelas noticias que diariamente nos trazem os jornaes, teem-se efectuado em várias partes muitissimas prisões de conspiradores altamente colocados, taes como advogados, padres, oficiaes do exercito, etc. Mas ainda não é désta vez que se faz o saneamento, está-nos a parecer. Pelo que se passa nas nossas modestas aldeias, vesse bem que as conspiratas não findam, tanto mais que as autoridades estão dispensando aos inimigos das instituições uma protecção talvez superior ao que é dado imaginar-se.

O caso aqui na nossa terra é bem eloquente. No tempo da monarquia nunca a reaccionaria diretoria da Irmandade das Almas téve a autonomia de fazer a distribuição das esmolas deixadas pelo falecido padre João Maia, sem a superintendencia do regedor. Nunca!

Porém hoje, em plena Republica, éla não só tem feito essa distribuição como muito bem entende, á feição da sua politica, sem a fiscalisação da autoridade local, mas ainda diz que quando fôr preciso a assinatura nas respectivas contas, lá está o administrador do concelho, que se tem prestado a todas estas proesas sem consideração alguma pelo digno regedor, um dos homens mais incansaveis na defêsa da Republica. Ha, porém, mais. Diz o artigo 83 da lei da Separação: *O Estado e os corpos administrativos locaes farão cumprir os encargos de origem particular, que onorarem os bens não reclamados ou reclamaveis, mencionados nos artigos anteriores, reduzindo ao estritamente indispensavel as despezas com a parte cultual e confiando a esta, bem como a administração dos bens necessarios para o seu cumprimento á corporação que na respectiva circunscrição tivér a seu cargo o culto nos termos dos artigos 17 e seguintes.* Ora em Ois da Ribeira temos uma Cultual formada ao abrigo do artigo 17 e seguintes, reconhecida em 28 de Fevereiro de 1912, e a Junta de Paroquia, que é uma corporação civil, tendo uns encargos cultuaes a fazer cumprir, vae por sua conta e risco á capela de Cabanões, freguezia de Travassô, obrigar a esse cumprimento e a autoridade administrativa, sabendo, como sabe, de tudo isto, continua indiferente, como se nada acontecesse, nada houvésse de escandaloso.

Logo, não ha que extranhar que as conspirações surjam umas após outras, em virtude, como já dissémos, do despreso a que são votadas as leis vigentes, por diversas autoridades, e entre élas o administrador do concelho de Agueda.

Felizmente as intentonas teem sido sufocadas devido á dedicação dos bons e leaes republicanos, que, enquanto as autoridades dormem a sôno solto não querendo saber de velar pela Republica, estão sempre prontos a defender o seu ideal sacrificando-se e aos seus quando muito bem se podia evitar esse sacrificio se existisse um pouco de dignidade da parte de quem a devia ter.

=Ha dias maguou-se muito num pé, o nosso bom amigo João Bernardino dos Reis. Felizmente o caso não é de gravidade, o que deveras estimamos.

=Consta-nos que vai em via de restabelecimento o nosso querido amigo sr. Amadeu Soares, guarda livros em Ovar.

Que continuem as melhoras, são os nossos votos.

=Já se acha nésta freguezia para onde ha dias foi nomeada professora, a sr.ª D. Raquel Estima Dizem-nos que é muito distinta, inteligente e prendada.

=De acordo com a Associação Cultual désta freguezia, começou no ultimo domingo a paroquiar a egreja, o sr. padre Adelino Rodrigues Simões Roque.

=Reuniu na ultima sexta-feira em assembleia geral, o Centro Republicano Democratico désta freguezia, resolvendo, por unanimidade, enviar por intermedio da Comissão Municipal Politica, a quantia de 12 escudos ao Directório do Partido Republicano Português, para fundos destinados á expedição que bréve parte para o teatro da guerra.

C.

Alquerubim, 23

Das 30 arvores de fruto que foram plantadas pelas creanças das escolas oficiaes désta freguezia, foram quebradas sete na noite de 21 para 22 do corrente.

Estas arvores tinham sido dadas pelo sr. Manuel Maria Amador, e tinham custado nove escudos. No dia 22 foi acabado o arroteamento do terreno onde essas arvores foram plantadas, para ser ajardinado e tratado pelas creanças das escolas.

Actos selvagens désta natureza mostram que em Alquerubim, que é uma freguezia das melhores do distrito de Aveiro, e onde, muitos anos, houve, entre os seus habitantes, uma verdadeira amizade, existem almas vis, que só se consideram bem quando praticam o mal.

Vae ser participado o factoa o sr. administrador do concelho.

C.

Loureiro, Oliveira de Azemeis, 23

A reacção, apoiada nos elementos que se dizem democratas, avança.

Inaugurou-se ainda ha pouco nésta freguezia, com foguetorio, musica e sermões, a capela de Nossa Senhora do Livramento, capela construida já no corrente ano, em terreno publico e subsidiada tambem, segunde consta, com a prestação do trabalho.

Não sei se dentro das instituições vigentes ha leis que autorisem a construção de capelas néstas condições. O Ex.mo governador do distrito deve ter em seu poder uma nota circunstanciada sobre o caso, mas isso é só para ele.

A reacção trabalha nésta localidade com mais facilidade do que se fosse no tempo da outra senhora. E *graças a Deus* cá temos mais uma déssas casas aonde os tonsurados organisam a guerra e préga a desunião amesquinhando as leis mais sagradas da Republica e os seus fieis cumpridores, fanatisando essa legião ingenua de camponezes, que ordinariamente lhes paga por bom preço o veneno que espalham de cima da cadeira que dizem ser da Verdade.

Por esse país fóra, parte das autoridades a quem está confiada a segurança da Republica e portanto a sorte deste bom povo anda de braço dado com os vis tonsurados e orgulha-se de lhes ter dado a orientação para fazerem as suas perseguições.

A reacção cá do burgo não se poupa a manifestar publicamente o seu orgulho por ter marcado no seu livro mais um passo para a frente. E se não vejâmos a capela recentemente construida não nos parece que esteja dentro da lei e daí a nossa guerra á sua organisação; mas as autoridades não ouvem e a reacção avança, fazendo publico que a sua força tem de vencer, que a religião já está mais forte e néstas condições aproxima-se o dia em que a padralhada por meio da musica, foguetes, vinho e sermões alcançará a vitoria como por aí se diz.

Noutro dia fomos ouvir dois oradores de fama que cá vieram por nos constar que êles maltratariam no pulpito todos aqueles que se mostraram hostis á construção da capela.

Ora, com efeito, o orador de que mais suspeitavamos não foi lá muito agressivo, mas o companheiro, que por sinal é filho dum canastreiro, esse, se existissem autoridades, com certêsa que não escaparia ao sevéro correctivo que necessita, tão atrevido se mostrou, com tanta petulancia se jactou de inimigo das instituições.

Que os sinceros republicanos patriotas o vigiem porque o animalsinho parece que necessita que o prendam mais curto...

Sr. Governador Civil: as autoridades do concelho deve V. Ex.ª já saber quem são, se é que tem lido os artigos do *Democrata* escritos pelo intrepido republicano dr. José Lopes de Oliveira.

Ai de nós, ai da Republica se dos altos poderes não são enviadas providencias.

J. F.

S. João da Madeira, 24

Ainda se encontra nésta localidade uma força de sargento de infanteria 24 que veio para manter a ordem publica, devido aos conflitos ocorridos entre os operarios désta terra e os industriaes Oliveira, Palmares & C.ª, por esses montarem uns modernos maquinismos substituindo assim o trabalho braçal.

Está por certo provisóriamente solucionada a questão visto as propostas apresentadas por aquêles industriaes que, ditas, parecem mostrar vantagens, mas dificil lhes será cumprir como muitos querem assim compreender, pois já sabemos que o operariado da fabrica, em referencia, vae recomeçar o trabalho por turnos e é assim que ficam todos garantidos homens a 50 centavos e mulheres a 20 centavos diários com um maximo de 2 a 3 dias de trabalho. Oxalá estejâmos nós enganados.

=A' hora a que escrevo corre o boato de um novo conflito. Ontem, 23, foi chamado pelo telegrafo á administração dêste concelho, Oliveira de Azemeis, o regedor désta freguezia, sr. Antonio Soares Patricio, socio da fabrica a vapor de chapéus, Soares, Silva & C.ª, para lhe ser dada a demissão do cargo. Esta traição feita ao povo da freguezia é simplesmente por o regedor fazer parte da firma aludida. Isto é escandaloso, mas crêmos que o povo não desculpará a arbitrariedade cometida por se tratar dum amigo désta terra querido e respeitado por todos. Aí está conhecido o rancor e odio com que aquêles industriaes são dotados contra os seus colégas a quem ambicionam aniquilar.

Veremos o fim da meada.

C.

o govêrno perfeitamente conhece. Não se devem separar. E agora que eles voltaram é uma necessidade junta-las, integra-las, porque só assim o país ficará livre da rêde tecida em volta da Republica e nós conscientes de que se fez toda a justiça!

De como os "marcas„ de 1913 se mexeram em 1914—O ex-reitor de Caminha, a Clo... e o Jaime Silva—De como um patarata se denuncia—A' partida das tropas para a Africa os monarquicos preparam barulho—A Clo... em Ancora!

Vamos agora encontrar, mexediços e muito entendidos, alguns dos *marcas* de 1913 a quem a amnistia deu ampla liberdade e segurança para proseguirem na taréfa interrompida, mas não inutilisada, como muito bem disse o sr. dr. João de Menezes.

Dr. Jaime Duarte Silva (1)

A primeira figura com quem os nossos leitores vão encontrar-se e com quem cértamente se teem encontrado desde o 29 de setembro, é o celeberrimo ex-reitor de Caminha, o padre Sá Pereira, preso por ocasião daquele movimento e que teve a felecidade, que no final sempre teria, de fugir á acção da justiça republicana, escapulindo-se do Aljube em cérta noite acidentada e misteriosa...

(1) Jaime Duarte Silva, bacharel formado em direito, é natural de Aveiro, onde exerce a advocacía. Foi em tempo republicano *enragé*, mais tarde franquista e fervoroso partidario de D. Manuel, logo que este subiu ao trôno.

O escriba do *Pulha de Aveiro* alcunhou-o de *Mijarêta* quando verberou a sua apostasia e não obstante isso reataram relações para serem hoje amigos.

no, mas a demonstração rigorosamente historica de que 1913-1914, são a mesma e uma coisa no que respeita a conspiração monarquica!

Isto nos importa, porque isto deve ter em vista o govêrno ao adoptar as medidas de defêsa e de repressão necessárias não só ao bem estar da Republica como até á propria dignidade nacional!

Porque, enfim, chegou o momento de cortar cerce e por uma vez todas as criminosas tentativas que os inimigos da Patria veem urdindo contra a Republica.

Os 'complots„—Depois de 1913 os seus membros continuam conspirando—Alguns deles—As reuniões da Granja e do Bussaco—A Clo...—Pela fronteira do Minho, frente a la Guardia, entra numeroso armamento

Ficámos de contar, para provar, os acontecimentos que ligam o 21 de Outubro de 1913 com o 20 de Outubro de 1914.

Temos, porém, de advertir os nossos leitores de que, por agora, manteremos reservas sobre cértos pormenores que consideramos como uma necessidade ficarem entre nós, tanto mais que temos a certeza de que essas reservas desconcertarão os nossos inimigos e os senhores sabem, cértamente, quanto apreciamos vê-los zangados.

Ora, como iamos contando, da atitude benevolente dos govêrnos resultou que os *complots* organisados em 1913 ficaram intactos e prontos a agirem á primeira voz.

Entre eles, e para exemplo, contam-se os comités de Aveiro, de Torres, de Evora, de Braga, de Lisboa e do Porto, que em determinada época voltaram a trabalhar muito á sucapa mas não tanto que conseguissem escapar ao olhar inteligente e prescutador dos elementos civis, para a sonhada tentativa de restauração monarquica.

Individuos bem conhecidos de todos nós entregaram-se a uma atividade assombrosa que, dizia-se, lhes era forneci-

Anuncios

Dissolução de sociedade

Para os devidos efeitos e conhecimento publico, se anuncia que, por escritura feita nas notas do notario desta cidade, bacharel Joaquim Simões Peixinho, com data de 9 do corrente, se dissolveu a sociedade comercial que até áquele dia existiu entre Manuel Lourenço ou Manuel Pereira Lourenço e Antonio Gonçalves Teixeira, ficando todo activo e passivo com referencia á padaria desta cidade, estabelecida na rua do Gravito, a cargo do socio Lourenço e o passivo que por ventura exista na padaria que a sociedade possuia na praia da Granja, a cargo do socio Teixeira.

Aveiro, 21 de novembro de 1914.

AVISO

Pelo presente é avisado o sr. José Gonçalves, viuvo de Maria Aurora da Costa, morador no Pará, de que não comparecendo ou não mandando satisfazer o seu débito de 499$00, juros e mais despezas, nos termos da escritura de 23 de Setembro de 1913, dentro do praso de trinta dias a contar da publicação deste anuncio, será requerida, no Tribunal désta comarca, a competente execução hipotecária.

Aveiro, 11 de novembro de 1914.

Manuel Simões de Oliveira

Predio e talho

Vende-se o predio situado á esquina das ruas Domingos Carrancho e Tenente Rezende, desta cidade, em que está instalado o antigo e bem afreguezado talho de Francisco Ferreira (Fandango).

Trata-se com a viuva de Francisco Ferreira e com seu cunhado Anselmo Ferreira.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇAO)

No dia 6 de Dezembro proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e no inventario orfanologico a que se procede por obito de Maria Ferreira dos Santos, casada, moradora, que foi, em Vale de Ilhavo de Baixo e em que é inventariante Antonio Gomes da Silva Valente, viuvo, residente no mesmo logar, vão á praça para serem arrematadas por quem mais oferecer sobre as quantias abaixo mencionadas, as seguintes propriedades:

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita em Vale de Ilhavo de Baixo, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de 250$00;

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita tambem em Vale de Ilhavo de Baixo, que vae á praça pela quantia de 100$00;

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita nas Ribas Altas da Ermida, que vae á praça pela quantia de 390$00;

Um terreno e pinhal, sito no logar da Ermida, freguezia de Ilhavo, denominada a Praça, que vae á praça pela quantia de 50$00;

Um outro terreno e pinhal, sito no Fabacal, que vae á praça pela quantia de 10$00.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaesquer credores incértos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 16 de Novembro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Adubos quimicos

A importante casa negociante de Adubos Quimicos e artigos congeneres, **O. Herold & C.ª**, com séde em Lisboa, lembra a todos os srs. lavradores e negociantes de adubos quimicos dos distritos de Aveiro, Viana do Castélo, Porto e Braga o seu escritório de venda e deposito na cidade do

PORTO

22, Rua da Nova Alfandega.

Os srs. lavradores e revendedores da mencionada área, queiram, pois, dirigir toda a sua correspondencia e encomendas a

O. Herold & C.ª

PORTO

A casa

O. HEROLD & C.ª

PORTO

está autorisáda e habilitáda pela séde de Lisboa a fechar todas as transações nas condições mais vantajosas possiveis para os compradores, não havendo para os freguezes nem o mais pequeno aumento pelo facto de se entenderem com a sucursal do Porto em vez de com a séde de Lisboa. Todos o lavradores da mencionada região teem, pelo contrario, a grande vantagem de serem mais rapidamente servidos pela sucursal do Porto tanto com as respostas ás suas perguntas como com expedições porque se poupa o tempo que a troca de cartas com Lisboa exige.

Os lavradores do concelho do Porto e dos concelhos cicunvisinhos e que frequentemente teem carros para o Porto teem a grande vantagem de poderem ser a todo o momento servidos de adubos no armazem do Porto que está aberto todos os dias.

Do escritório do Porto um empregado-viajante percorre ameudadas vezes, em viagem, a área dessevida pela dita sucursal.

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata 6 de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0|0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pé, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveia, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa

33-A—Rua Direita.—AVEIRO.

VENDE-SE

uma bôa terra lavradia com perto de 12 alqueires de semeadura situada nos Andoeiros, limite da estrada do Senhor das Barrocas, ao Canal de S. Roque.

Nesta redacção se diz.

Bacêlos

americanos, barbados, das castas mais produtivas e resistentes.

Vende — **Manuel da Cruz Manuelão**

Aveiro—*Oliveirinha*

VR

E' o melhor adubo compléto, garantido. Pódem empregal-o sem receio de serem enganados.

Esta formula é garantida, os seus resultados são eficazes em toda a cultura. Exclusivo da fórmmula V R garantida por analise.

Todos os pedidos serão feitos a

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

(Costa do Valado)

Preço de cada saca de 50 kilogramas 1$10.

Descontos aos revendedores

Albino Peralta Estrela

Negociante de cobertores, queijo, castanhas, nóses e painço. Fornecedor de bacêlos americanos das melhores qualidades. Enxertos e barbádos, garantidos.

Preços sem competencia

COSTA DO VALADO

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos sonvencionaes. Manda amostras e preços a quem os requicitar.

6

da por uma mulher oxigenadamente loira e que ao diante vamos encontrar na dança, rabiando como um tric-trac. E tornaram a surgir sinistros e infames os mesmos meios de fazer a revolução, as mesmas caras, os mesmos individuos.

Os famigerados Coronel Bessa, Jaime Silva, Oliveira Lima, conde de Magualde, Abel Santos Ferreira, Abel Martins Pinto, Aparicio de Miranda, Jacinto Duarte Dias de Souza, Carlos Rego, Cecioso Sá e Melo, Constancio Roque da Costa, os Lobo de Avila Lima, etc., etc., todos estes protegidos pelo esquecimento a que foi lançado o processo do dr. João Eloy, retomaram a sua actividade revolucionaria, vigiada de perto pelos bons republicanos que, mais sensatos do que o poder, nunca acreditaram nas suas *bôas* intenções.

Lá mais para diante havemos de seguir os passos destas ilustres *marcas* que ainda por aí estão, manhosas e cobardes, fazendo das tripas coração, e jurando pelos Evangelhos a sua inocencia e o seu alheamento na conspirata. Deixemo-los agora para irmos ao encontro do Moreira de Almeida, do Luiz de Magalhães, do Zé de Azevedo e outros, reunindo no Bussaco e na Granja, tratando de arrumar e juntar todos os elementos da conspirata de 1913 para os jogar na de 1914.

No entanto, elementos civis, os malditos *carbonários* a quem ninguem vê, vigiavam com todo o cuidado os ilustres preopinantes e advinhavam-lhes a taréfa da concentração de todos os elementos conspiradores que, como temos dito e o afirmou o sr. dr. João de Menezes, tinham permanecido intactos desde o ano passado e sobre cuja assistencia o govêrno não fez incidir a acção da justiça, perfeitamente guiada pelo processo do dr. João Eloy, nem a poz em fóco, publicando a eloquente documentação desse extraordinário e curiosissimo processo.

Ao mesmo tempo que os *complots* agiam segundo as instruções do Bussaco e da Granja, chamemos-lhe assim, uma nova e interessante figura, que já no ano passado se desenhára capaz de *ser alguma coisa* no movimento, surgia, activa, buliçosa, levadinha da bréca, como sendo intermediária e

7

mensageira entre os *grosbonnets* da conspirata, viajando em Espanha, onde se diz que foi um dia em automovel com um jornalista que no Porto fez a célebre campanha contra o exagente Homéro de Lencastre, e tendo ali repetidas conferencias com Paiva Couceiro e Azevedo Coutinho. O resultado dessas conferencias ou era dado pessoalmente ou comunicado em reuniões efectuadas numa quinta da Senhora da Hora.

Esta figura é Clotilde de Menezes, a *Clo*. . ., como carinhosamente lhe chamam os conspiradores.

De quando em vez todos se dispunham a realisar o golpe, mas faltava, ao que parece, o pretexto ou para melhor, esperava-se um pretexto que fatalmente devia aparecer. Quem denunciou esse pretexto foi o proprio Constancio Roque da Costa num pretencioso artigo sobre a nossa situação internacional em que, agredindo os aliados e insultando a França, preconisava a vitória da Alemanha e propagava o direito á cobardia. Este artigo encaixilhado em toda a campanha feita pelos jornaes desafectos ao regimen deu a certeza de que os conspiradores monarquicos estavam entendidos neste ponto e portanto a certeza tambem de que a conspirata sairía para a rua antes da reunião do parlamento. Como se ganhou esta certeza não é segredo. Basta que um pouco de inteligencia guie o raciocinio de cada um.

Emquanto isto se combinava, pela fronteira vinha passando numeroso armamento, por exemplo, por Lanholas, povoação entre Seixas e Vila Nova de Cerveira, em frente á Guardia, sem que os nossos bons correligionários que vigiavam a manobra pudessem deitar-lhe a mão especialmente pela situação em que exerciam a sua vigilancia. Por toda a fronteira é notoria a insuficiencia da vigilancia e desta insuficiencia se aproveitaram os conspiradores para introduzir no país o armamento necessário ás suas manobras!. . .

Mas de vagar. Como os nossos leitores veem a tentativa de 1914 roda no maquinismo da de 1913, conserva as mesmas figuras, os mesmos processos e os mesmos planos que

Loteria

DA

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

23 de Dezembro de 1914

1.º premio 240:000$
2.º premio 30:000$

Bilhetes a	100$00
Quadragesimos a	2$50

Os bilhetes e frações estão á venda na Tesouraria da Misericordia de Lisboa, a qual se encarrega de remeter todos os pedidos para a provincia ou ultramar, quando acompanhados da respectiva importancia e mais 7 centavos e meio para o porte e registo do correio.

Nome e residencia em caratéres bem legiveis.

As importancias a remeter ao *Tesoureiro da Misericordia* pódem ser em notas, vales, chéques, ordens postaes ou valores de facil cobrança, de maneira segura, a evitar extravios.

Aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros, abonase a comissão de 3 1|0.

Enviam-se listas a todos os compradores.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.